

SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES



Marco Terranova | Riotur

O povo precisa voltar aos desfiles na Marquês de Sapucaí

Uma inversão carnavalesca

O CARNAVAL CARREGA, DESDE SUA ORIGEM, a marca da disrupção. É a festa que nasce para virar o mundo de cabeça para baixo, para embaralhar hierarquias, suspender regras e permitir que o povo ocupe, com corpo, voz e alegria, aquilo que lhe é negado durante o resto do ano. O carnaval é, por essência, um ritual de inversão.

TALVEZ POR ISSO OS ENSAIOS TÉCNICOS do Grupo Especial tenham se transformado num espelho tão revelador - e incômodo - do que o carnaval deveria ser. Na primeira rodada deste fim de semana, a Marquês de Sapucaí estava exatamente como se espera de uma avenida carnavalesca: cheia, vibrante, democrática, participativa, pulsando vida e energia.

UM ESPAÇO DE REENCONTRO das escolas com seu povo e, mais profundamente, com seu terreiro simbólico. Porque a Sapucaí não é só passarela, é chão sagrado.

ESSA CENA É BONITA. É potente. Mas também denuncia uma contradição. A atmosfera que deveria dominar os dias oficiais de desfile aparece hoje com mais força neste pré-carnaval que virou mais uma peculiaridade carioca. O ensaio técnico se transformou no momento em que o povo consegue estar.

ISSO É BOM? EVIDENTE QUE SIM. O carnaval precisa dessa energia para existir. Mas isso também é ruim. Ruim porque escancara um processo longo de elitização que não começou agora, nem pode ser atribuído apenas à atual gestão da Liesa.

TRATA-SE DE UM MOVIMENTO de pelo menos três décadas, marcado sobretudo pelo encarecimento progressivo dos ingressos, muito além da capacidade de quem vive de salário mínimo.

HOJE CONVIVEMOS COM SUPERCAMAROTES vendidos a preços estratosféricos. Ingressos de R\$ 3 mil para um único dia de desfile, ainda que com open bar e open food. Enquanto isso, uma arquibancada custa cerca de R\$ 250. Em tese, alguém poderia assistir aos três dias gastando R\$ 750. No mercado de grandes eventos, talvez não seja um valor absurdo. Um show de grande porte pode custar isso. Mas o carnaval não é um show qualquer.

É UMA FESTA CRIADA POR GENTE POBRE, sustentada culturalmente por comunidades inteiras e cujo sentido histórico é, justamente, o acesso popular.

É VERDADE QUE HÁ INGRESSOS GRATUITOS e populares destinados às comunidades das escolas. Mas isso ainda é pouco. Se queremos uma avenida quente, viva e cheia de energia como a que vimos nos ensaios técnicos, é preciso ir além.

TALVEZ SEJA HORA DE OS ÓRGÃOS PÚBLICOS de cultura - ministérios, secretarias estaduais e municipais - atuarem junto aos organizadores. E por que não envolver também os patrocinadores, que hoje surgem em profusão graças ao bom trabalho comercial da Liesa? O subsídio de ingressos populares pode ser uma dessas ações.

O CARNAVAL JÁ MOSTROU, NOS ENSAIOS, o que ele ainda pode ser no contexto do Rio de Janeiro. Falta fazer com que isso volte a acontecer quando realmente importa.



Divulgação

Cyda Moreno já viveu a escritora em espetáculo teatral encenado em vários estados

Carolina Maria de Jesus para encantar a avenida

Após sucesso em novela, Cyda Moreno será destaque da Unidos da Tijuca representando a escritora que transformou a fome em literatura

AFFONSO NUNES

Entre a “Vó Yara” de “Dona de Mim” e Carolina Maria de Jesus, Cyda Moreno encontrou um território comum: dar corpo e voz a mulheres negras que transformaram adversidades em força. Depois de viver a matriarca carismática na novela da TV Globo, a atriz se prepara para brilhar na Marquês de Sapucaí como destaque da Unidos da Tijuca, que homenageia a escritora mineira que tornou visível a fome e a miséria das favelas brasileiras na década de 1960.

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento (MG) em 1914 e migrou para São Paulo, onde viveu na favela do Canindé. Catadora de papel, mãe solo de três filhos, registrava seu cotidiano em cadernos encontrados no lixo. Suas anotações chegaram ao jornalista Audálio Dantas em 1958, que reconheceu ali um relato literário sem precedentes na cultura brasileira. “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada”, lançado em 1960, vendeu 10 mil exemplares na primeira semana e foi traduzido para mais de 13 idiomas, tornando-se um dos livros brasileiros mais lidos no exterior.

O enredo da Unidos da Tijuca, assinado pelo carnavalesco Edson Pereira, resgata essa trajetória mar-

“O desfile exaltará as mulheres negras, centenas de ‘Carolinas’ que lutam contra a fome, por respeito, por dignidade e pelos direitos de cidadãs”

CYDA MORENO

cada por exclusão, racismo e resistência. Cyda, que já interpretou Carolina no teatro durante seis anos consecutivos com o espetáculo “Eu Amarelo, Carolina Maria de Jesus”, agora leva a escritora ao maior palco a céu aberto do mundo. “Ela é um exemplo de força, resistência e superação do racismo, da miséria e da exclusão. O desfile exaltará as mulheres negras, centenas de ‘Carolinas’ que lutam contra a fome, por respeito, por dignidade e pelos direitos de cidadãs”, afirma a atriz.

A montagem teatral estreou no Rio em 2018 e percorreu cidades do

Sudeste e Nordeste, apresentando ao público a escritora que, apesar do sucesso inicial, morreu em 1977 esquecida e em situação precária. A redescoberta de Carolina nas últimas décadas tem revelado uma obra que vai além do livro que a projetou: ela publicou romances, poesia e outros diários, consolidando-se como uma das vozes mais importantes da literatura brasileira do século 20.

No desfile da Unidos da Tijuca, Cyda estará no terceiro carro alegórico representando a favela e a obra que expôs as entranhas da desigualdade brasileira. “Vou atuar como a Carolina mais velha, revendo sua história. O livro é um retrato contundente da miséria e de quem passa fome no Brasil, situação que atinge diretamente as comunidades negras e periféricas em nosso país até os dias de hoje”, destaca a atriz.

Para Cyda, que acredita no desfile como um ato político e necessário, Carolina ainda é pouco conhecida no Brasil, principalmente pela população negra que se reconheceria em sua trajetória. A escritora transformou sua realidade periférica e sua luta contra a fome em literatura que atravessou fronteiras geográficas e temporais, tornando-se referência nos estudos sobre raça, classe e gênero.

A Unidos da Tijuca desfilará na segunda-feira de carnaval, e a escolha de Carolina como enredo reafirma a importância do carnaval como espaço de memória e reivindicação. Ao levar para a avenida uma mulher que escreveu sobre fome em um país que ainda convive com a insegurança alimentar, a escola cumpre o papel histórico das agremiações carnavalescas de refletir criticamente sobre a sociedade brasileira.